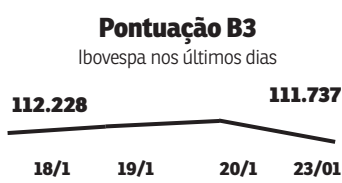
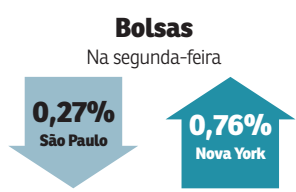




7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 24 de janeiro de 2023



Dólar
Na segunda-feira

R\$ 5,200
(- 0,15%)

Dólar	Últimos
17/janeiro	5,100
18/janeiro	5,163
19/janeiro	5,170
20/janeiro	5,207

Salário mínimo

R\$ 1.302

Euro
Comercial, venda na segunda-feira

R\$ 5,648

CDI
Ao ano

13,65%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)

13,66%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2022	-0,36
Setembro/2022	-0,29
Outubro/2022	0,59
Novembro/2022	0,41
Dezembro/2022	0,62

CONJUNTURA

Construção: juros altos são o maior problema

Sondagem da CNI mostra que empresários do setor estão mais pessimistas com a atividade. Carga tributária também pesa

» MICHELLE PORTELA

Pesquisa divulgada ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) revela que os empresários da construção civil se dizem pessimistas em relação ao nível de atividade no setor, que registrou queda na geração de empregos no último trimestre do ano passado. De acordo com a Sondagem da Indústria da Construção, 30,6% dos empresários apontam que o principal problema são as elevadas taxas de juros.

"A questão já havia alcançado a primeira posição no ranking de fatores negativos no terceiro trimestre de 2022, e recebeu 0,6% a mais de marcações no último trimestre. Em seguida, vem a elevada carga tributária, assinalado por 28,5% das empresas", diz a nota divulgada pela entidade.

A falta ou alto custo de trabalhador qualificado e a falta ou alto custo da matéria-prima aparecem empatados no índice de preocupação, com 23,4% e 23,5%, respectivamente.

O economista e professor de MBA da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Robson Gonçalves ressaltou que a taxa de juros é o principal fator de influência do cenário macroeconômico sobre a construção civil. "A decisão de adquirir um imóvel depende de três fatores principais: renda, juros e confiança. Mesmo tendo renda, muitas famílias esbarram no limite de comprometimento com as parcelas de financiamento. E estas são influenciadas pelas taxas de juros. Isso deixa claro como a inflação limita o crescimento", afirmou. "Os juros estão altos para segurar a inflação. Mas o efeito colateral é frear a atividade econômica. Por isso, acreditar que a inflação é um mal menor

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Alto custo dos insumos, que era o principal obstáculo durante a pandemia, hoje é o sexto item na lista de preocupações dos empreendedores

é pura ignorância econômica", acrescentou.

Para o gerente de Análise Econômica da CNI, Marcelo Azevedo, houve uma transição na preocupação dos empresários. "É importante destacar que a falta ou o alto custo de insumos, problema muito importante para o setor em um passado recente, continua perdendo importância neste ranking e, agora, já chega na quarta posição. Ele liderou o ranking de principais problemas por oito trimestres, do terceiro

trimestre de 2020 ao segundo trimestre de 2022, devido aos efeitos da pandemia, e agora está em declínio."

Entre outros problemas apontados no levantamento, a burocracia excessiva também aparece entre os principais obstáculos enfrentados pelo setor, apontada por 18,6% dos entrevistados.

Confiança

Com isso, em janeiro, o Índice de Confiança do Empresário

(Icei) da construção caiu 1,1 ponto na comparação com dezembro de 2022, marcando 49,6 pontos, a quarta queda consecutiva do indicador, que acumula recuo total de 13,1 pontos em quatro meses.

Apesar das queixas quanto às taxas de juros, a situação financeira das empresas no quarto trimestre de 2022 foi a melhor já registrada desde o final de 2013. Nesse campo, o índice de satisfação avançou 1,6 ponto para 49,5 pontos. Mesmo assim,

o indicador permaneceu no terreno da insatisfação, abaixo de 50 pontos. "O número se situa muito próximo da linha divisória de 50 pontos, aproximando a média do índice para um nível satisfatório", diz a nota da CNI.

Já o índice de evolução do nível de atividade da indústria da construção registrou, em janeiro, queda pelo segundo mês consecutivo. Em dezembro de 2022, o índice foi de 46,6 pontos, abaixo da linha divisória considerada sadia para o setor, em 50 pontos.



A decisão de adquirir um imóvel depende de três fatores principais: renda, juros e confiança. Mesmo tendo renda, muitas famílias esbarram no limite de comprometimento com as parcelas de financiamento. E estas são influenciadas pelas taxas de juros. Isso deixa claro como a inflação limita o crescimento"

Robson Gonçalves,
economista da FGV

Expectativa de inflação sobe

» RAPHAEL PATI*

Os analistas do mercado financeiro aumentaram pela sexta vez consecutiva a projeção para a inflação deste ano. De acordo com a edição do Boletim Focus divulgada ontem pelo Banco Central, a previsão dos especialistas para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), em 2023, passou de 5,39%, há sete dias, para 5,48% nesta semana. A expectativa de inflação mais elevada reforça a avaliação dos agentes econômicos de que o Banco Central deve manter as taxas de juros elevadas por um período mais prolongado.

Para o ano que vem, a projeção da inflação também subiu e atingiu 3,84%, o que representa um aumento de 0,14 ponto percentual em relação ao último boletim, em que os economistas projetavam uma elevação de 3,70% no IPCA.

Segundo o analista de ciência de dados da 4 Intelligence, Wellington Nobrega, o aumento das expectativas de inflação em horizontes mais longos, revelado no Focus ao longo das últimas

semanas, é, em parte, reflexo de sinalizações conflitantes a respeito da política econômica do governo.

"Por um lado, as medidas de recuperação fiscal anunciadas pelo Ministério da Fazenda no último dia 12 trouxeram uma sinalização mais positiva que a esperada inicialmente, ainda que nem todos os pontos sejam críveis. Levando em consideração algumas dessas medidas, esperamos um déficit fiscal da ordem de 1,4% do PIB em 2023", avaliou Nobrega.

Mesmo assim, o analista afirma que, na prática, ainda não há nada de concreto em termos de "ajuste fiscal". Segundo ele, a falta de definição a respeito do arcabouço fiscal que deverá substituir a regra do teto de gastos eleva a incerteza dos investidores e pode conduzir a uma depreciação da taxa de câmbio, piorando a inflação doméstica, posto que a maior parte das medidas anunciadas têm efeito restrito a 2023. Assim, o desafio segue posto para 2024 em diante.

"Por outro lado, as falas recentes do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sugere

maior tolerância com o nível da inflação, o que despertou algum receio em relação ao cumprimento da meta inflacionária nos próximos anos", concluiu o analista.

Na visão de Mauro Rochlin, economista e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o aumento das projeções para o IPCA está relacionado com a política fiscal anunciada pelo novo governo, "principalmente com os gastos anunciados com a PEC da Transição".

Além disso, ele acredita que deve ser considerada uma certa pressão do preço dos combustíveis no IPCA. "Eu digo isso porque se espera, agora em março, um aumento nos impostos de gasolina, e isso vai se refletir, certamente, em uma alta no preço de combustíveis e isso, associado com a política fiscal mais generosa, digamos assim, contribui com o aumento das expectativas inflacionárias", observou.

PIB e juros

Os analistas também projetam um aumento maior do Produto Interno Bruto (PIB), que

Marcello Casal Jr/ Agência Brasil



Para analistas, com projeção maior para o IPCA, o Banco Central manterá a Selic elevada por mais tempo

deve encerrar este ano com elevação de 0,79%, em vez dos 0,77% apontados no relatório divulgado na semana passada. Já o câmbio entre o real e o dólar dos EUA permaneceu com as projeções inalteradas em relação aos últimos sete dias, aos R\$ 5,28, da

mesma forma que a taxa Selic, que, de acordo com os analistas que elaboraram o estudo, encerrará o ano aos 12,50%.

"Em relação à Selic, esperamos que o atual patamar seja mantido nas próximas seis reuniões do Comitê de Política

Monetária (Copom), com cortes apenas a partir de outubro, caso as expectativas de inflação estejam ancoradas", comentou o analista Wellington Nobrega.

*Estagiário sob a supervisão de Odail Figueiredo